

ARQUITETURA TRADICIONAL DE OURO PRETO: preciosa por ser negra

Por Rodrigo Nogueira e Flora Passos⁴⁹

Introdução

Até o ano de 2005 constava na bandeira do município de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, o dizer em latim *Proetiosum tamen nigrum*, que significa “precioso ainda que negro”, fazendo referência ao aspecto do ouro coberto por óxido de ferro encontrado na região ainda no final do século XVII. Tais dizeres, que perduraram na bandeira desde 1930, foram removidos como resultado da luta de atores do movimento negro da região, que também denunciam a opressão e a marginalização da população negra e de seus saberes na atualidade.



Figura 01: Vista parcial do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto.

Fonte: Acervo autores.

O documento denominado Manifesto Ou[T]ro Preto⁵⁰, por exemplo, escrito pelo artista e ativista Douglas Aparecido (2017), aponta para uma “escravidão ideológica” e para o fato da inteligência africana não constar nas narrativas construídas pelos colonizadores e nos livros oficiais de história, ainda que os africanos sejam os detentores do conhecimento primordial que foi apropriado e figura, hoje, a base de toda tecnologia de mineração utilizada. Essa visão

⁴⁹Rodrigo da Cunha Nogueira, arquiteto e urbanista professor do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal de Ouro Preto (DEARQ/UFOP).

E-mail: rodrigocunhanogueira@gmail.com

Flora d'El Rei Lopes Passos, arquiteta e urbanista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN-Mariana/MG e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo no NPGAU/UFMG.

E-mail: floralopespassos@gmail.com

⁵⁰ O manifesto está divulgado no blog <http://terreirodegriots.blogspot.com.br>, rede que conecta projetos independentes realizados em parceria com artistas e ativistas sociais do Brasil, América Latina, África e Europa, nos campos da música, arte educação, capoeira, comunicação, tradições ancestrais dos mestres dos saberes populares e a saúde popular.

corroborar com os estudos e práticas do coletivo ouropretano *Mina Du Veloso*⁵¹ e com pesquisas do historiador Eduardo Paiva (2012), que descreve a vinda dos africanos da região de Mina, no sudoeste do continente africano, ao Brasil:

Esses homens e mulheres africanos, embarcados na Costa da Mina com destino ao Brasil, eram tradicionais conhecedores de técnicas de mineração do ouro e do ferro, além de dominarem antigas técnicas de fundição desses metais. Eles conheciam muito mais sobre a matéria que os portugueses, antigos parceiros comerciais dos reinos negros da África, vorazes consumidores do ouro desse continente e senhores de enorme extensão territorial no Novo Mundo. Ao que parece, o poder quase mágico dos Mina para acharem ouro e a sorte na mineração associada a uma concubina Mina eram, na verdade, aspectos alegóricos de um conhecimento técnico apurado, construído durante centenas de anos, desde muito antes de qualquer contato com os reinos europeus da era moderna (PAIVA, 2012: 187).

Retomando a expressão “Ou[T]ro Preto”, vale reforçar que as exclusões de culturas na construção do conhecimento é resultante de um processo de dominação:

[...] a dominação (guerra, violência) que é exercida sobre o Outro é, na realidade, emancipação, "utilidade", "bem" do bárbaro que se civiliza, que se desenvolve ou "moderniza". Nisto consiste o "mito da Modernidade", em vitimar o inocente (o Outro) declarando-o causa culpável de sua própria Vitimação e atribuindo-se ao sujeito moderno plena inocência com respeito ao ato sacrificial (DUSSEL, 1993: 75-76, grifo nosso)

E é inegável que as relações de poder estão fortemente vinculadas à construção do território. Segundo o geógrafo Rogério Haesbaert (2007), o território é concebido pela imbricação de múltiplas relações de poder, do poder material das relações econômico-políticas, ao poder simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. Os grupos sociais atribuem uma identidade cultural ao território *“como forma de ‘controle simbólico’ sobre o espaço onde vivem (sendo, também, portanto, uma forma de apropriação)”* (HAESBAERT, 2007: 41).

Assim, a arquitetura, enquanto produção espacial, também reflete esta relação de poder, especialmente, quando analisamos os escritos sobre um determinado período do fazer arquitetônico, que representam o olhar de um grupo social específico e de um contexto político, econômico e cultural.

Os estudos de Bruno de Mello (2012) sobre o negro na arquitetura brasileira apontam para a invisibilidade do saber técnico dos povos africanos escravizados, sendo as referências muitas vezes restritas à influência dos negros no funcionamento das casas e nas relações socioculturais. Para demonstrar isso, o autor acima traz escritos do arquiteto Lúcio Costa (de 1962) sobre a arquitetura tradicional brasileira:

A máquina brasileira de morar, ao tempo da colônia e do império, dependia dessa mistura de coisas, de bicho e de gente, que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa

⁵¹ Centro cultural popular localizado no Bairro de São Cristóvão em Ouro Preto, mais conhecido como Veloso. Os estudos e práticas da Mina Du Veloso fazem parte do movimento negro na região e são divulgados oralmente, como na tradição africana. Pode ser acessado em <https://www.facebook.com/profile.php?id=100004912484702>.

funcionar: havia negro para tudo – desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto; era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador. Mesmo depois de abolida a escravidão, os vínculos de dependência e os hábitos cômodos da vida patriarcal de tão vil fundamento, perduraram, e, durante a primeira fase republicana, o custo baixo da mão de obra doméstica ainda permitiu à burguesia manter, mesmo sem escravos oficiais, o trem fácil da vida do período anterior. (COSTA apud MELLO, 2012)

Importante destacar que não apenas Lúcio Costa, mas outros arquitetos e artistas modernistas, tiveram papel fundamental para a criação do SPHAN (atual IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e para o tombamento do conjunto arquitetônico de Ouro Preto e de outras cidades mineiras à época. Sendo assim, trata-se de um valor atribuído por um grupo e em contexto específico.

Mello (2012) também analisa trechos de “Casa Grande e Senzala”, de 1980, do autor Gilberto Freire, sobre a formação da família brasileira:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo. (FREIRE apud MELLO, 2012)

Importante ressaltar que não apenas o saber técnico é invisibilizado, como demonstra as descrições sobre a produção espacial do período setecentista acima citadas, mas os saberes de modo mais amplo, como denunciado pela pesquisadora e arquiteta Estela Ramos (2010) quando observa que, historicamente, a população negra não ocupa posições de prestígio na sociedade, econômica e politicamente.

Sob essa perspectiva, o presente artigo aponta para a importância de desvelar os saberes, ou como denominado por Paulo Freire os “pré-saberes” (FREIRE, 2011), da população negra. E ressignificar a arquitetura tradicional, dita “Colonial” Brasileira, em Ouro Preto, materializada no território em estruturas da mineração e nos sistemas construtivos tradicionais de habitações, templos religiosos, muros, chafarizes, pontes, dentre tantos outros elementos que compõem o conjunto urbano.

Ainda em estágio inicial de pesquisa, pretende-se neste artigo um levantamento inicial, buscando traçar relações e comparações entre a morfologia, técnica e elementos construtivos das estruturas da mineração do século XVIII - como o desmonte manual ou hidráulico dos depósitos de vertentes e do substrato mais friável (SOBREIRA, 2014) - e os diferentes elementos construtivos que configuram a paisagem urbana de Ouro Preto. Para então apontar possíveis desdobramentos no sentido de dar visibilidade aos saberes da população negra, principalmente, a partir das vozes dos atores locais.

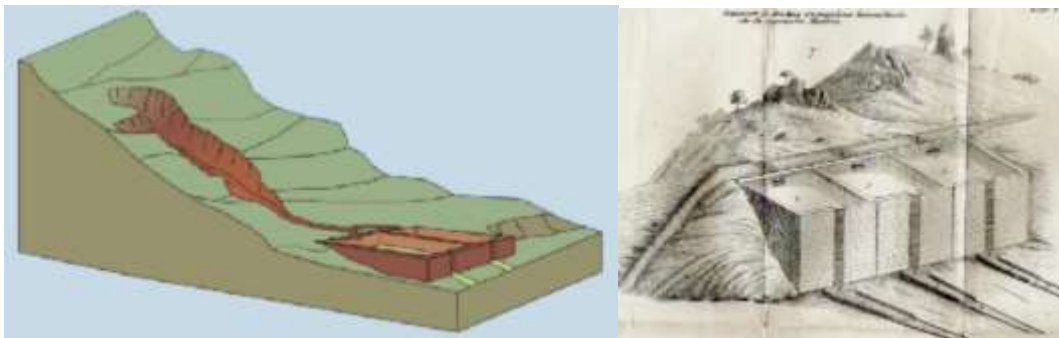
A tecnologia da mineração e suas apropriações

Segundo Sobreira (2014), a tecnologia da mineração em Ouro Preto não iniciou pelo método denominado desmonte hidráulico, mas este foi um dos principais e o que mais deixou marcas na serra de Ouro Preto.

A mineração iniciou-se pelos depósitos aluvionares, onde eram empregadas técnicas relativamente simples. Com o passar do tempo, a conjugação de experiências de brasileiros, portugueses e africanos tornou a exploração mais elaborada (Ferrand 1894). Nos serviços em leitos de rios eram implantados sistemas de desvio dos cursos d'água por barragens e também eram explorados depósitos nas margens dos rios, chamados de tableiros.

Porém, as atividades que mais deixaram na região concentraram-se nos veios auríferos nos maciços rochosos e, de maneira mais notável, nos depósitos que ocorriam nos flancos das montanhas (grupiaras) e nas rochas mais alteradas e friáveis do substrato rochoso (Lima & Miranda 1996). Nos veios auríferos era necessária a abertura de minas para exploração subterrânea, enquanto nas vertentes empregava-se o desmonte manual ou hidráulico, gerando uma lama que era acumulada em reservatórios (mundéus) para depois ser trabalhada. (SOBREIRA, 2014, p. 56)

Na técnica chamada desmonte hidráulico a principal ferramenta era a água. O processo consiste em transpor água até as partes mais altas de determinada vertente, gerando uma "lama" que era armazenada em reservatórios denominados *mundéus*. Uma vez os mundéus cheios, o material armazenado era liberado aos poucos por cima de couro de boi no sentido inverso dos pêlos, assim, as partículas mais densas, como o ouro, ficavam presas ao couro e facilmente identificáveis (SOBREIRA, 2014).



Figuras 02 e 03: Estruturas da mineração em Ouro Preto - Mundéus.

Fonte: Friedrich Ranger 2012 e Eschwege 1833.



Figura 04: Os veios dos desvios dos cursos d'água na Serra de Ouro Preto-MG.

Fonte: Eduardo Evangelista.



Figura 05: Estruturas da mineração em Ouro Preto - Mundéus.

Fonte: Eduardo Evangelista.

Atualmente, os mundéus localizados no bairro São Cristóvão, também conhecido como Veloso, que sofreu um rápido e desordenado processo de urbanização nas últimas décadas do século passado, servem de muro ou bases para as casas ali existentes.

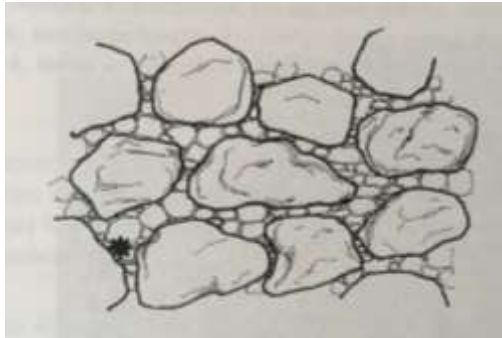
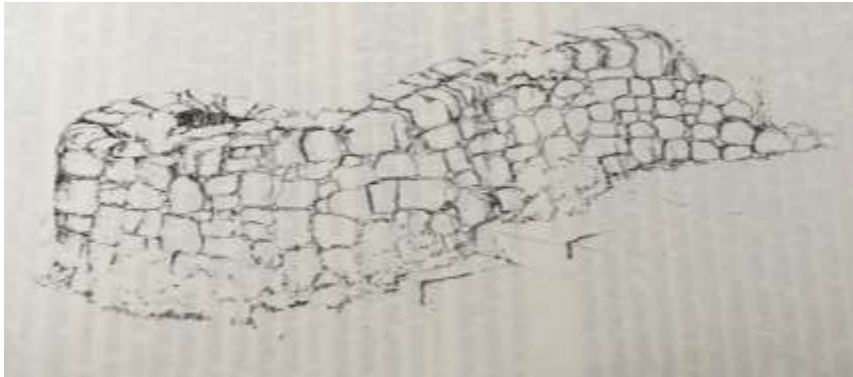


Figuras 06, 07 e 08: Estruturas da mineração no bairro do São Cristóvão em Ouro Preto - Mundéus.

Fonte: Eduardo Evangelista.

Arquitetura tradicional em Ouro Preto

As técnicas construtivas urbanas e arquitetônicas tradicionais encontradas em Ouro Preto foram realizadas com os materiais encontrados *in loco* no período setecentista, como a pedra, a madeira e a terra. Dentre estas técnicas destacam-se o *pau-a-pique* (ou taipa de sebe), *canjicado* e *muros de pedras secas* (VASCONCELLOS, 1979).



Figuras 09, 10 e 11: Sistemas construtivos em pedra - muro de pedra seca (1), Canjicado (2); e em madeira e terra - pau-a-pique (3).

Fonte: Sylvio de Vasconcellos 1979.

O pau-a-pique, a taipa e o adobe consistem em técnicas tradicionais para vedação (paredes) nas edificações que utilizam estrutura autônoma de madeira. As técnicas em pedra, detalhadas acima, foram empregadas nas estruturas urbanas, principalmente, em duas situações: primeiro, em muros de contenção para execução do sistema viário, possibilitando uma forma de ocupação mais estável em topografia muito acidentada, como o caso de Ouro Preto; e, segundo, no embasamento das edificações, com as funções de estabilizar o solo e planificar a base para receber a solução de construção de pau-a-pique, taipa ou adobe. Importante observar, assim, que estes muros e embasamentos em pedra foram construídos com função estrutural e são os principais remanescentes na paisagem urbana, devido, entre outros fatores, à própria resistência do material.

Os muros de contenção e os embasamentos em pedra possuem como importantes características a capacidade de resistir grandes cargas, não necessitam de argamassa para sua estabilização, o que permite a passagem das águas. Desta forma, se adaptando perfeitamente a uma topografia acidentada e ao clima bastante chuvoso, como também pode ser observado nos mundéus, que represam os rejeitos sólidos.



Figuras 12 e 13: Muro em pedra do adro da Igreja de São Francisco de Assis e embasamento de casa, Ouro Preto/MG.

Fonte: Acervo autores.



Figura 14: Muro em pedra no adro da Capela de Santana, Ouro Preto/MG.

Fonte: autoria própria.

Desdobramentos possíveis

Este trabalho levanta possíveis caminhos para aprofundar o debate sobre a importância de registrar uma “outra” história sobre o saber técnico da arquitetura ouropretana. Um debate que deve avançar não apenas entre os cidadãos e ativistas do movimento negro local, mas no interior de instituições que atuam a nível local, como é o caso do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que possui escritório técnico local.

Como defendido por Boaventura de Souza Santos (2010), defendemos também uma “ecologia de saberes”, ou seja, um pensamento pós-abissal que:

[...] tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico (SANTOS, 2010: 25).

De forma mais ampla, acreditamos na importância da ressignificação dos saberes do Sul (África, América Latina e etc.) – saberes que historicamente foram inferiorizados, estigmatizados, desvalorizados e negados –, buscando um ensinamento mais apropriado, verdadeiro e justo no campo da Arquitetura e Urbanismo.

[...] Temos de ter os olhos do Outro, de outro ego, de um ego de quem devemos re-construir o processo de sua formação (como a “outra face” da Modernidade) e, por isso, devemos agora partir do Oceano Pacífico. [...] Adotemos agora “metodicamente” a pele do índio, do africano escravo, do mestiço humilhado, do camponês empobrecido, do operário explorado, dos milhões de marginalizados amontoados pelas cidades latino-americanas contemporâneas. Façamos nossos os “olhos” do povo oprimido, desde “os de baixo” [...] mas antes era ainda o Outro como subjetividade “distinta” (não meramente “diferente” como para os pós-modernos). Reconstruamos então as “figuras” de seu processo (DUSSEL, 1993: 90)

Referências

APARECIDO, Douglas. *Manifesto Ou[T]ro Preto*. Disponível em: <http://terreirodegriots.blogspot.com.br/2017/01/manifesto-outro-preto.html>. Acesso em: 07 de julho de 2017.

DUSSEL, Enrique. *1492 O encobrimento do outro* (a origem do “mito da modernidade”). Conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.143p.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial. In: HAESBAERT, R.; ARAÚJO, F. *Identidade e Territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007.

MELLO, Bruno César Eufrásio. *E o negro na arquitetura brasileira?*. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.145/4372> Acesso em: 20 de novembro de 2017.

PAIVA, Eduardo França. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: PAIVA, Eduardo França & ANASTASIA, Carla Maria Junho. (orgs.) *O trabalho mestiço; maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG, 2002, p. 187-207

RAMOS, Maria Estela Rocha. *Contextos da construção da territorialidade negra em áreas urbanas*. Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 9, maio, 2010. Disponível em: <www.africaeaficanidades.com.br> ISSN 1983-2354

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. Cap.1.

SOBREIRA, Frederico. Mineração do ouro no período colonial: alterações paisagísticas antrópicas na serra de Ouro Preto, Minas Gerais. *Quaternary and Environmental Geosciences*. Curitiba: Repositório digital UFPR, V.5, N.1, 2014.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: Sistemas construtivos*. Revisão e notas: Suzy de Mello. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.